

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

VER E OUVIR A CIDADE

*patchwork e sampleada*¹

José Marcio Barros²

Resumo: A cidade contemporânea como espaço de interações e comunicação. Simultaneidade e plurilinearidade. O deslocamento, a visualidade, a conexão. Textualidades e oralidades.

Palavras chave: cidade e comunicação. Cultura, cidade e contemporaneidade.

I – Cidade, visualidades e sonoridades

O que se vê quando se olha a cidade? O que se ouve quando se escuta a cidade? Iniciei anos atrás um livro sobre as avenidas de contorno em Belo Horizonte e La Plata na Argentina, afirmando que “Tudo na cidade *fala*, expressa algo que lhe é próprio e que a supera.”³ Neste trabalho trabalhei com a idéia de que as cidades são, simultaneamente textos, contextos e pretextos, que revelam formas objetivas e subjetivas, reais e imaginárias do homem se impor à natureza. A cidade, neste sentido, constitui-se, como lugar por excelência da comunicação e da cultura.

Abre-se aqui a possibilidade de se reconhecer que as cidades possuem dimensões discursivas e textuais que se realizam na e através de sua arquitetura, de seus sujeitos e seus fluxos, o que possibilita reconhecê-la como portadora e produtora de sentidos sempre plurais e múltiplos. Cidades são totalidades e não um todo coeso e coerente.⁴ Procurar compreender na cidade a presença e a atualidade da cultura oral requer, portanto, seu reconhecimento como um fenômeno polissêmico, uma trama de sentidos.

A cultura urbana nos convida a tarefa de dissecar sua referencialidade múltipla, sua característica imanente de informar e comunicar através de uma

¹ Texto desenvolvido a partir da participação na mesa de debate “O urbano e o oral”, no Seminário “Te dou minha palavra – cultura oral & educação”, realizado no Instituto Itaú Cultural em 26/10/2007 e apresentado a Mesa Coordenada Cidade, Comunicação e cultura – mediações do V ENECULT, UFBA, 2009

² Professor do PPG Comunicação da PUC Minas e Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural (jmarros@observatoriodiversidade.org.br)

³ Barros (2005:12)

⁴ Ver Gorelik (1998) e Ruiz (1999)

profusão de signos presentes em sua materialidade urbanística, em sua poesia urbana, em seus sons, rumores, em suas luzes e sombras, em seus personagens e em suas paisagens. Produtora e produto de processos culturais e comunicacionais sempre plurais, a cidade pode ser pensada como uma superfície hipersensível onde sujeitos, cenários, coreografias, falas e discursos se desenrolam.

Nos diferentes espaços da cidade, sujeitos portadores de identidades simultaneamente convergentes e contrastivas, realizam trocas e ativam processos de comunicação. Para além de sua configuração através das fronteiras, dos espaços de circulação e de suas edificações, a vida na cidade forma e é formatada por “corredores semânticos”, para usurpar um conceito de Blikstein, ou seja, uma sociabilidade urbana diversificada, portadora de uma vitalidade sócio - significacional complexa e muitas vezes desconhecida.⁵

Pesquisar a cidade significa para além da compreensão de sua materialidade normativa, colocar-se à disposição de suas realidades, e buscar captar suas diversas faces e vozes. Como fenômenos sócio-culturais e práticas comunicacionais datadas e resignificadas por seus sujeitos, seus usos e apropriações, os espaços da cidade são como corredores polifônicos, espécie de *palimpsestos* e caixas sonoras, onde a vida urbana se inscreve e se desenrola. As cidades são camadas de escritas e sonoridades sobrepostas.

São espaços de tensão entre a norma e o uso, a continuidade e a descontinuidade, o deslocamento e a permanência. Cidade letrada, expressão das normas urbanísticas e das determinações do poder. Mas também, cidade das oralidades, das reinvenções de seus sujeitos. Aqui está a minha proposta. Cidade da ordem, mas também cidade da vida sempre reconstruída.

“São as grandes transformações sociais, econômicas e culturais do último terço do século XIX e de todo o século XX, e as grandes mudanças no pensamento, abarcando a filosofia, a arquitetura, a literatura, a comunicação e as artes, que farão com que a cidade seja definitivamente tratada como fenômeno referencial e comunicacional⁶. Emerge uma profusão de produções científicas e literárias sobre a cidade, multiplicando e diversificando os discursos sobre ela, A cidade não mais se limita a ser tratada como representação de algo que lhe é anterior e superior, mas constitui-se como resultado de

⁵ “Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da ciudad”. (MAGNANI, 1996, p.23)

⁶ - Jitrik (1994). A Revista SYC, n° 5, Buenos Ayres, Maio, 1994.

mediações e enunciações discursivas construídas através e no espaço urbano” (BARROS, 2005, 38)

Como afirma a antropóloga Janice Caiafa, as cidades são marcadas por operações singulares de exteriorização, movimento e troca.

“Historicamente, as cidades surgem provocando o povoamento espacial e a produção de espaços públicos. A ocupação coletiva gera heterogeneidade, de alguma forma misturando os habitantes e em diferentes graus desagregando os meios fechados e familiares. Há um trânsito que marca as cidades e que implica também certas formas de comunicação e de produção subjetiva. Tais experiências certamente se deixam afetar pelas novas formas da produção comunicativa” (CAIAFA, 2001,p.124)

A comunicação nas cidades não se realiza, entretanto, somente através das mensagens veiculadas em sua superfície material imagética e sonora, mas também e, sensivelmente, nos processos de subjetivação que desencadeia. Novamente com Janice Caiafa, pode-se afirmar que

“as engrenagens urbanas nos interpelam, ativando afetos, modelizando focos subjetivos. As cidades se definem em grande parte... pelos processos subjetivos que deflagram...” (op.cit.p.198)

O visível e o in-visível, o sonoro e o inaudível, fundam as textualidades e as oralidades da cidade.

II – Cidade, oralidade e a experiência cultural contemporânea

De acordo com os especialistas, a cidade da atualidade possui um caráter próprio e singular, é uma mistura de estilos, um imbricado de signos, um congestionamento de tráfegos simbólicos coexistindo lado a lado e simultaneamente: uma "cidade *patchwork*", como denomina Canevacci (1993) de simultâneos circuitos comunicativos (PAIVA,1995), que desenham um cenário de singular polifonia.

Cidade descentrada, multicentrada, que assume uma característica singular

“(...) é labirinto com vários centros, formado por uma sucessão interminável de zonas intersticiais e marcos fragmentários (...) Transita-se constantemente, dificilmente se está”.(ARANTES, 1994, p. 200).

Tais cidades produzem uma percepção de mundo cada vez mais marcada pelas experiências da simultaneidade, da fragmentação, da interatividade e da conectividade. Entretanto, boa parte desta experiência cultural tende a ser conformada pela indústria do entretenimento e do lazer e sua lógica é mercantil. Os processos subjetivos deflagrados na e pela cidade possuem, portanto, uma singular contradição. Sujeitos cada vez mais multiperceptivos e pluri-enunciativos, mas cuja percepção e enunciação se fazem cada vez mais no e através da indústria cultural.

O risco aqui é de uma cidade contemporânea fundada na experiência cultural efêmera, onde o estilo é substituído pela moda e a marca se sobrepõe ao produto (CANCLINI, 1995). Uma cidade do excesso e não da saciedade. Uma cidade do barulho e não da oralidade. Uma cidade obs-cena, que obsta a cena.

Se a cidade contemporânea é a cidade das imagens, da visualidade, do saturamento da informação, ali também encontramos a permanência e atualização da oralidade como um contraponto.

As cidades não desaparecem, as culturas não se fundem, e a vida contemporânea, a despeito de tantos pontos e zonas de intercessão, sobreposição e aproximação, não se reduz a um universo indiferenciado. Muito pelo contrário. Os investimentos simbólicos sobre o espaço urbano continuam, como sempre o foram, produtores de diversidades, lugar de vários lugares. Uma cidade colagem, uma cidade *sampleada*.

Lucia Santaella utiliza a idéia de eras culturais para designar as paisagens socioculturais que conformam as macro temporalidades humanas. De acordo com a autora, é possível definir 6 tipos de formações culturais em função da hegemonia de diferentes modelos comunicacionais:

- A cultura oral
- A cultura escrita
- A cultura impressa

- A cultura das massas
- A cultura das mídias
- A cultura digital

Tais eras mais que configuradas por meios e canais de comunicação típicos, devem ser pensadas como ambientes socioculturais que instalam modelos de subjetividade próprios que, entretanto, não são lineares e nem, necessariamente excludentes. (Santaella, 2003:13) Se em cada período há uma hegemonia técnica e tecnológica, é a capacidade de adaptação, miscigenação e hibridização que mais surpreende e se apresenta à nossa reflexão.

A contemporaneidade pode ser definida como o tempo da hegemonia da cultura digital. Se a partir dos anos 80 do século passado, surge a chamada cultura das mídias, um tempo de emergência e proliferação de equipamentos e dispositivos que viabilizam uma cultura do disponível e transitório, e de uma tecnologia que permite a substituição do massivo pelo segmentado (idem, p.15), a atualidade instaura uma cultura do acesso, da interatividade e da convergência de mídias.

Aqui encontramos a presença e importância do conceito de simultaneidade e plurilinearidade. A cidade e a cultura da atualidade são marcadas pelos valores, necessidades e práticas do deslocamento, da visualidade, da conexão. Neste ambiente sociocultural contemporâneo, a oralidade não está destinada ao desaparecimento, tanto quanto a escrita não parece correr o risco de se recolher aos museus. Se a midiática e digitalização de nossas vidas criam modelos de pensamento e produção de sentidos cada vez mais singulares, este processo parece indicar menos a supressão de formas de comunicação e mais a sobreposição de todas elas.

Assim, prefiro pensar a cultura oral na cidade contemporânea como uma das dimensões desta realidade complexa. A oralidade não pode ser vista como a prova cabal de uma experiência pura, mas como experiência cultural que refunde as relações face a face numa sociedade telepresencial, que reinventa a escuta numa cultura do olhar. Os bares que exibem tvs de plasma continuamente ligadas, os cafés que oferecem *wireless*, as superlivrarias que se espalham e os celulares nos bolsos de integrantes de grupos de congado, nos convidam a uma reflexão nem pessimista nem idealista. A cultura oral na cidade da atualidade desmídia nossas mediações, mas não as substitui como campo de trocas e encontros.⁷

⁷ As reflexões de Walter J. Ong sobre oralidade e cultura, acabaram por cunhar o termo “oralidade eletrônica”

O excesso de significantes pode criar um vazio de sentidos dando origem a uma cidade obscena onde a exacerbação da imagem obstaculiza a cena. E uma sociedade obscena, ancorada na repetição e no vazio significacional, pode produzir mais consumidores de imagens do que de mensagens. O modismo *high tech* e o elogio ao consumo, igualmente devem merecer cautela e visão crítica. Daí a importância de se procurar na cultura oral, não aquilo que nos levaria de volta a um paraíso perdido, mas aquilo que, a despeito de todas as mídias digitais, continua sendo um referente para nossas realidades.

É preciso e possível andar pela cidade, fitá-la e ouvi-la até descobrir nela o que nela existe como insinuação, mais que exaustão. Talvez assim entendamos como em pleno século XXI o evangelho de São Tomé, ver para crer, e a persistência do “eu te dou a minha palavra”, convivem com tantas imagens e dispositivos sócio-técnicos. A conversa de boteco agendada no msn, rappers e repentistas se fitando e dialogando, as lan-houses como agências que integram lazer infanto-juvenil e uma agência de serviços comunitários. Eis as novas paisagens a serem compreendidas. Eis os novos e antigos diálogos urbanos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. A Guerra dos Lugares. *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*, n.º 23, 1994

BARROS, José Márcio, Comunicação e Cultura nas avenidas de contorno, BH, Editora PUC Minas, 2005

CANCLINI, Nestor G. Culturas Híbridas. SP, EDUSP, 1997

_____. La globalización imaginada, Buenos Aires, Paidós, 1999

_____. Consumidores e cidadãos - Conflitos multiculturais da globalização, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995

_____. Culturas urbanas de fin de siglo: la mirada antropológica. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/canclinispa.html>. Acesso em 15 de novembro de 2002.

CANEVACCI, Massimo. A cidade Polifônica - Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação urbana, SP, Studio-Nobel, 1993

_____. Antropologia da comunicação visual, SP, DP&A, 2001

CANEVACCI, Massimo. A cidade Polifônica - Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação urbana, SP, Studio-Nobel, 1993

_____. Antropologia da comunicação visual, SP, DP&A, 2001

GORELIK, Adrián. La grilla y el parque – espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887 – 1936, Quilmes, Universidad Nacional de Quilmes, 1998 (a)

_____. Palestra no Seminário Modernidades Tardias, 06/11/1998(b) UFMG

_____. O Moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo. Narrativas da Modernidade. BH, Autêntica, p. 55-80, 1999

JITRIK, Noé. Ciudad, hormigueante cidad. *Revista SYC*, N° 5, Mayo 1994

_____. Voces de ciudad. *Revista SYC*, n°5, Maio, 1994

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca. Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana, SP, EDUSP,1996

PAIVA, Vanessa. A comunicação e a sociabilidade em espaços urbanos. In: BRAGA, José Luiz (org). A Encenação dos Sentidos - Mídia, Cultura e Política, Rio, Diadorim, 1995

RUIZ, Manuel Delgado, Ciudad líquida, ciudad interrumpida, Medellín, Editorial Universidad de Antioquia, 1999

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-Humano: das Culturas das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.